

Data: 16.12.2009

Título: NUNO SANTOS Autobiografia

Pub:

JL

Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

Secção: Nacional

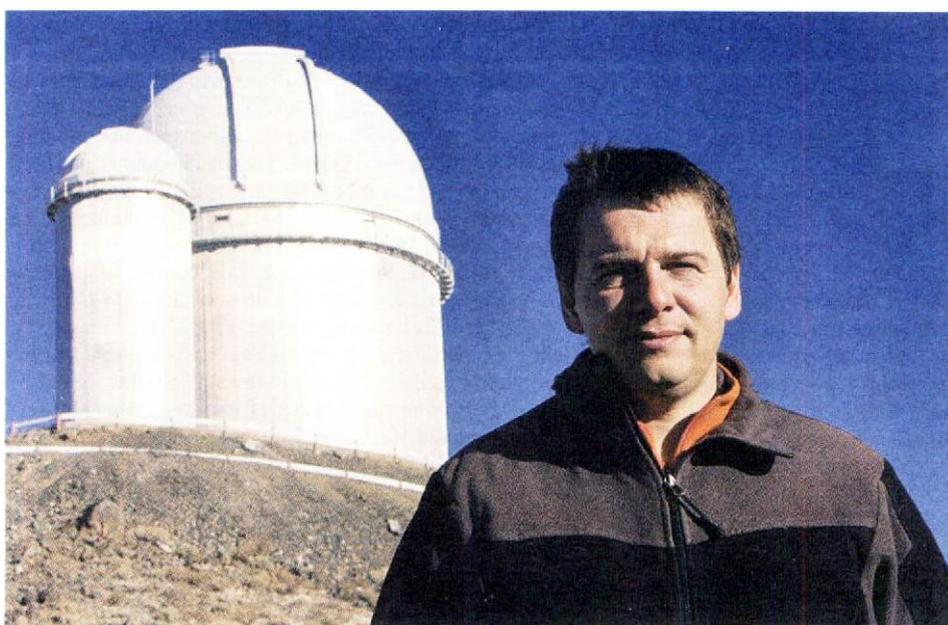
Pág: 1;44


clipping
consultores

autobiografia

Nuno Santos

Dias mal dormidos



**Nuno Santos com um ano, em Lourenço Marques, onde nasceu;
com dois anos em Lamego;
na actualidade, junto do Observatório de La Silla, no Chile**

Área: 733cm² / 43%

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 2969815



O Sol põe-se no observatório de La Silla. Ao longe podemos imaginar o Pacífico, perdido no meio da bruma que se forma quando o ar húmido do oceano embate contra a fortaleza dos Andes. Alguns farrapos de nuvens brilham ainda, vermelhos como uma chama a despedir-se do Sol. Do outro lado, a Lua quase cheia enfeita o céu que vai subindo por trás de alguns picos nevados. A calma instala-se na paisagem à medida que os astrónomos atarefados correm para as salas de controle dos diversos telescópios que pontuam a paisagem. Uma nova noite de observação começa.

Primeiros passos

Para mim tudo começou muitos anos antes. Ao colo da minha avó olhava para a Lua e perguntava-lhe o que era aquela bola luminosa. Na altura não era mais do que um redondo ponto de interrogação. Mas maravilhava-me ao ponto de querer obter respostas.

De Moçambique nada me lembrava. Vivíamos então em Lamego, numa velha casa junto à muralha, com um soalho de madeira inclinado e de cujas ranhuras espreitavam roedores simpáticos mas assustadores. Na despensa, uma ratoeira garantia a segurança dos alimentos, ou assim pensava o meu avô. Na janela, um balão improvisado feito com um saco-de-plástico alegrava a tristeza do Inverno, enquanto todos à minha volta lutavam para se adaptar a esta nova terra.

Mais tarde mudei-me com os meus pais para S. João da Madeira, uma cidade industrial mas onde era possível ser uma criança feliz, apesar das dificuldades típicas de um Portugal a querer acordar de tantos anos de marasmo. À medida que crescia e pousava os pés na terra, era claro que a cabeça continuava no «ar». Se por um lado me debatia na escola com complicadas contas de dividir, quando me perguntavam o que queria ser quando fosse grande, pensava sempre em assuntos ligados a questões de ciência. Tudo o que estava longe, no espaço ou no tempo, preenchia os meus sonhos. Podia ter acabado a estudar dinossauros, a origem da vida na Terra, ou a procurar vestígios de antigas civilizações. Seria igualmente feliz. Mas o chamamento da Lua acabou por vencer. Tinha de ser Astrónomo. Sabia o que queria.

Lembro-me certo dia em que houve um eclipse parcial do Sol. Era absolutamente fantástico! Aquele Sol, visto através de um filtro adequado, parecia ter levado uma dentada. Noutra ocasião, as notícias do retorno do cometa de Halley fizeram-me olhar para o céu. Nada. Não havia nenhum cometa, pelo menos que eu pudesse vislumbrar. Terei de esperar mais 76 anos para o ver, pensei. Da próxima vez não escapas!

De volta à Terra, tive a sorte de ter pais, tios, avós, amigos, que sempre me apoiaram, apesar de no fundo certamente acharem que tinham ali um miúdo com sonhos demasiado longínquos. Naquela época, a Astronomia era vista como algo só a NASA sabia fazer, e ser investigador da NASA era algo dificilmente alcançável. Mas apesar disso, todos me apoiaram de uma ou de outra forma. Todos me deram a oportunidade de ser eu. E eu fui sonhando com o dia em que poderia olhar para os céus e compreendê-los.

Descobrir o Universo

Certa noite decidi seguir as indicações de alguns amigos astrónomos amadores, e pus-me a olhar para cima. Peguei nuns binóculos que o meu avô me tinha emprestado, e aponte para a estrela R Corona Borealis. Tratava-se de uma estrela variável (o seu nome podia ser XPTO que para mim daria igual), um dos poucos tipos de objectos celestes fora do nosso Sistema Solar em que é possível ver uma variação de algo ao longo de horas, dias, meses. Fui seguindo essa estrela, tal como algumas outras, durante os dias e meses que se seguiram. E de facto via-se algo a mudar. As estrelas mudavam de brilho! Afinal o Universo não é estático, e eu posso confirmar isso mesmo com os meus pequenos binóculos!

Uns anos depois, já a viver em Mirandela, certa noite em que a Terra teimou em colocar-se entre o Sol e a Lua, decidi que tinha de observar o eclipse. Convenci a minha mãe a levar-me para um miradouro fora da cidade. Com os binóculos numa mão e um cronómetro digital na outra, fui anotando os tempos de passagem da sombra do nosso planeta sobre as crateras da Lua. Esse tipo de estudos tinha permitido em tempos medir com precisão os movimentos da Terra e da Lua. Mas para mim era sobretudo um desafio! Queria ter a experiência de fazer algo de novo.

Com 16 anos achei que era preciso dar um salto. Os binóculos não eram suficientes para a minha curiosidade. Construí então um pequeno telescópio, depois de uma tia me ter oferecido um livro que ensinava a construir esse desafio tecnológico (para mim, pelo menos, era-o). Pude então observar planetas (que magníficos são os anéis de Saturno!), cometas, enxames de estrelas e nebulosas. E as crateras da Lua!

Sentia-me quase um astrónomo, apesar de saber que não o era. Os céus de Mirandela passaram a ser também meus. Com binóculos ou telescópio observava quase tudo da janela lá de casa, um rés-do-chão que por estar no meio de outros prédios me deixava apenas uma pequena nesga de céu. Mas era o suficiente para ir sentindo o murmurar do Universo. Pelo meio, divertia-me com coisas

Data: 16.12.2009

Titulo: NUNO SANTOS Autobiografia

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

Secção: Nacional

Pág: 1;44



bem mais terrenas, e também sonhava em passear, viajar, conhecer outras coisas, outros mundos.

Os estudos corriam e o tempo passava. O que era preciso para ser mesmo um Astrónomo? Cheguei à conclusão de que precisava de aprender bem a Física e a Matemática. Assustador? Talvez... Sabia que não seria fácil, que teria de me esforçar muito, mas estava disposto a tentar. Decidi-me pela primeira quando tive de optar por um curso universitário. Sabia no entanto que a Física não era o objectivo, mas apenas o caminho.

Perseguido o sonho

O destino atirou-me então para Lisboa, e o plano foi-se desenrolando. À medida que o curso avançava tinha mais certezas. Era aquilo que eu queria. Entretanto fui observando as minhas estrelas variáveis, a queda de cometas em Júpiter, observando

os céus com o mesmo olhar curioso de quando tinha 10 anos. Mais tarde veio o mestrado, em que pude estudar estrelas em formação. Era um assunto fantástico, tal como todos em Astronomia. Na verdade, fui-me apercebendo que o importante nem sempre é o tema, mas as pessoas com quem trabalhamos.

E depois? Com o diploma na mão era preciso dar o próximo passo. E esse era sem dúvida um passo crucial. Era preciso fazer um doutoramento, e o melhor era sair do País. Isso dar-me-ia uma outra experiência que dificilmente

teria em Portugal, apesar da Astronomia estar já nessa altura a desenvolver-se bastante bem entre nós. Na verdade, o que eu queria mesmo era poder ter uma nova experiência pessoal, e já agora, juntar o útil ao agradável e tornar-me um astrónomo profissional.

Fui assim para o país dos lagos, do chocolate e do queijo, das Edelweiss, e dos magníficos Alpes. Aprendi o francês, que até então apenas «arranhava», e tentei ser suíço numa Genebra cosmopolita, onde os restaurantes turcos se misturam com fileiras intermináveis de chocolate. Tudo a preços... suíços! Esta vivência permitiu-me comprovar que há 1001 maneiras diferentes de fazer as coisas, de

viver, de nos relacionarmos. E todas estão certas desde que não prejudiquem os outros. Também compreendi que se tivesse nascido na Suíça teria certamente sido um alpinista, porque poucas coisas nos fazem sentir tão livres como chegar ao topo de um pico rochoso e íngreme de onde se pode ver o mundo todo à nossa volta.

Quando cheguei a Genebra esperava-me um bilhete de avião para o Chile. Ia começar o meu doutoramento a observar com o novíssimo telescópio suíço de La Silla, num dos dois observatórios do ESO no deserto do Atacama. Não era a primeira vez que observava, mas era a primeira vez que teria toda a responsabilidade de o fazer. Cheguei ao Observatório, onde fui recebido por um colega que me ensinou o seu funcionamento. Após umas poucas noites fiquei só no telescópio. Sentia-me o piloto de uma nave espacial à procura de outros planetas.

Mais um dia

A noite vai longa, e depois de quase duas semanas de observação, as saudades de casa, da família, do filho, juntam-se ao cansaço de «dias» mal dormidos. A Lua, depois de toda uma noite a observar os astrónomos, parece querer também descansar. Uma banda azulada aparece na direcção nascente, e as estrelas menos brilhantes começam a diluir-se no novo dia que se anuncia. Do meio das pedras ouve-se o chilrear de pequenos pássaros. O deserto parece acordar.

Foi a 20.ª visita minha a La Silla. Amanhã apanho o avião de volta ao Porto. Deixarei o Observatório com a bagagem cheia de novos dados e talvez um ou outro novo planeta. E sobretudo com a certeza de que estamos a caminhar a passos largos para descobrir outros pequenos planetas azuis, a orbitar outras estrelas parecidas com o Sol, talvez a casa de outros astrónomos que se perguntam: haverá vida na Terra? ●



Area: 733cm² / 43%

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 2969815

Data: 16.12.2009

Titulo: NUNO SANTOS Autobiografia

Pub:

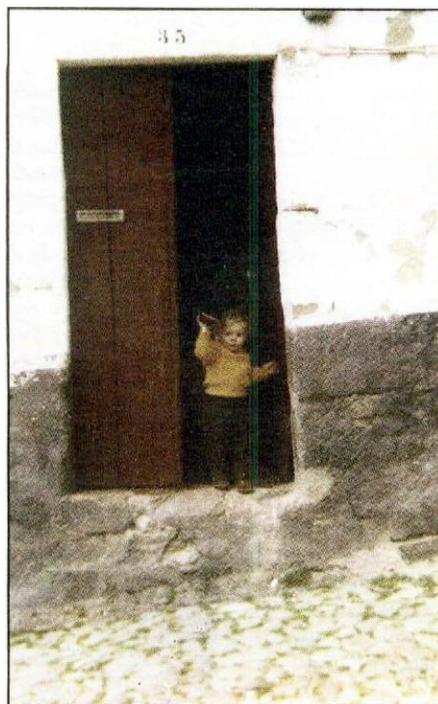


Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

Secção: Nacional

Pág: 1;44

Nuno Santos, 36 anos, astrónomo, investigador do Centro de Astrofísica da Universidade do Porto. Participou na descoberta de uma centena e meia de exoplanetas (planetas fora do sistema solar), nomeadamente em 2004, do primeiro com uma massa inferior a vinte vezes a massa da terra, na constelação de Ara, tendo sido o autor do primeiro artigo sobre esse planeta publicado na revista *Astronomy & Astrophysics*



Área: 733cm² / 43%

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 2969815